

2.2.2.2. O mercado de trabalho na perspectiva clássica

Para os economistas clássicos, a força motriz da economia é o mercado de trabalho. É nele que se dá a interação entre a oferta de trabalho (feita pelas famílias) e a demanda de trabalho (feita pelas firmas). A livre interação entre oferta e demanda por mão de obra é que determina o nível de emprego de equilíbrio e o salário real.

A oferta de trabalho é feita pelas famílias. As pessoas são proprietárias de sua força de trabalho e, portanto, vendem (ofertam) essa força de trabalho para as empresas que precisam dela para poder produzir (máquinas não funcionam sozinhas). A oferta de trabalho é uma função crescente do salário real. De fato, quanto maior o salário real, mais trabalhadores estarão dispostos a vender sua força de trabalho.

A demanda por trabalho é feita pelas firmas, as quais necessitam de trabalhadores e, portanto, compram (demandam) a força de trabalho para poder produzir. A demanda por trabalho é uma função decrescente do salário real. De fato, quanto maior o salário real (quanto mais cara a mão de obra), menos empresas estarão dispostas a contratar mão de obra, e vice-versa: quanto menor o salário real (mais barata é a mão de obra), mais empresas desejam comprar essa mão de obra.

Como em qualquer outro mercado, a livre interação entre as forças de demanda e a oferta de mão de obra determina: *i*) o nível de pleno emprego, isto é, quantas pessoas as empresas efetivamente contratam; *ii*) o salário real de pleno emprego.

2.2.3. Inflação

A inflação caracteriza-se pela situação em que há uma variação de preços positiva, persistente e generalizada. Quando essa variação é negativa, persistente e generalizada, há deflação⁶⁹. Já a hiperinflação ocorre quando a inflação é excessivamente elevada e assume uma trajetória de aceleração vertiginosa – não há um número específico a partir do qual se diz haver hiperinflação, mas um nível geral de preços acima de 50% ao mês pode ser denominado como tal. Nos três casos, não se trata de um fenômeno sazonal ou ocasional, mas de uma situação de continuidade.

Existem diferentes causas que culminam em inflação. Um tipo muito recorrente é a “inflação de demanda”,

⁶⁹ Há uma assimetria de intensidade entre esses dois conceitos. Enquanto a inflação pode ser de 2%, de 10% e até de 100% ao ano, os casos de deflação, além de raros, geram taxas modestas, da ordem de até -3% ao ano. Existe ainda o conceito de desinflação: redução da taxa de inflação. Os preços, porém, continuam aumentando.

gerada pelo excesso de demanda agregada (DA). Sempre que esta cresce a taxas superiores à da oferta agregada (OA), inflações dessa natureza aparecem: há incapacidade do setor produtivo de atender aos desejos de aquisição de bens, aos preços existentes.

Segundo a teoria clássica da inflação, normalmente esse crescimento da DA acima da OA resulta de uma oferta excessiva de moeda na economia. Quanto mais moeda existir em circulação para determinada quantidade de B&S, menor será o seu valor relativamente aos bens. Formalmente, os economistas a explicam por meio da *teoria quantitativa da moeda* (TQM), que, na sua forma mais simples, estabelece que a quantidade de moeda na economia é proporcional ao nível de preços multiplicado pela quantidade de bens e serviços produzidos. Sendo M a quantidade ofertada de moeda na economia, V uma constante de proporcionalidade, também conhecida como velocidade de circulação da moeda, P o nível geral de preços e Q o produto de pleno emprego:

$$M.V = P.Q$$

Como a velocidade (V) e Q são fixos (este é fixo porque a economia opera em pleno emprego no longo prazo), qualquer aumento na oferta de moeda (M) vai gerar

aumento no nível geral de preços (P) no longo prazo, não havendo efeito sobre as variáveis reais da economia⁷⁰. Então, um aumento na oferta de moeda (M) de 10% acarreta um aumento de 10% no nível geral de preços (P), já que V e Q são constantes. Por essa razão, os teóricos monetaristas⁷¹ argumentam que o lado real e o lado monetário da economia não estão interligados. Em outras palavras, em razão da “neutralidade da moeda”, a expansão monetária não afeta o nível do produto. A política monetária não pode, na perspectiva clássica, ser utilizada para equacionar problemas de produção, renda e emprego: esse setor real da economia dependeria essencialmente do acúmulo de fatores de produção, da tecnologia etc.

Outro tipo existente é a “inflação de custos”, decorrente de choques que geram a diminuição da oferta agregada. Normalmente, em razão de algum choque exógeno, o custo de certos fatores de produção aumenta de preço, ocasionando uma redução do uso desses insumos por

70 Segundo a teoria clássica, a velocidade-renda da moeda (V) é constante no curto prazo, já que depende de fatores que só atuam no longo prazo, tais como hábitos de coletividade (uso de cartões de crédito, cheques etc) e o grau de verticalização da economia – este ocorre quando produtores de bens finais resolvem também produzir alguns componentes intermediários. Já para Keynes (1936), a velocidade-renda da moeda (V) é afetada no curto prazo pelas taxas de juros. Com o aumento do nível das taxas de juros, as pessoas reterão menos moeda e sua velocidade de giro aumentará, já que as pessoas procuram se livrar rapidamente da moeda que não rende juros.

71 Segundo o principal teórico da TQM, Milton Friedman, a inflação é “sempre e em todo lugar um fenômeno monetário”. (Friedman, 1970)